

A Cartografia de Deleuze e Guattari como metodologia de pesquisa

Bruna Gabriela Corrêa Vicente. (PG). bruna-gab@hotmail.com *

Débora Cristina Santos e Silva (P.PPG IELT)

Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: Este trabalho se trata de um recorte da dissertação de mestrado em andamento que se intitula: *Páginas de concreto: cartografias poéticas na ressignificação da paisagem da urbe*. Aqui, abordaremos o método de cartografia cunhado por Deleuze e Felix Guattari, e demonstraremos sua aplicação na cartografia que foi construída com produções em grafite. Importante salientar que com a experiência da criação da cartografia poética a pesquisadora buscou o aprofundamento do modo de olhar a cidade, não apenas construir um mapa que sirva como roteiro turístico e guia para todo e qualquer olhar – tendo em vista que cada olhar é único e muda constantemente – mas nesse caso buscou-se perceber as dinâmicas, os fluxos e as intensidades que se mostraram nas incidências de grafites na cidade de Anápolis-GO.

Palavras-chave:

Introdução

Com o intuito de construir uma cartografia dos grafites na cidade de Anápolis - GO, nos temos como aporte teórico o volume I de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995)¹, escrito por Gilles Deleuze e Felix Guattari. Dos referidos autores tomamos emprestado o conceito de “Cartografia” para aplicá-la como perspectiva metodológica.

Por muitos anos o termo ficou restrito ao campo da geografia, porém na atualidade, a cartografia, passou a ser vista, também, pelo prisma do que se convencionou chamar de *filosofia da multiplicidade*, uma vez que, a cartografia, de Deleuze e Guattari, busca em diferentes espaços as especificidades necessárias para compor uma área dinâmica.

Em Maio de 68, em uma Europa que ansiava por mudanças após ter passado por períodos de grandes mudanças nas estruturas sociais e econômicas, muitos

¹ Nesta obra os autores tecem uma crítica contra a teoria de Sigmund Freud, estruturalista. O conceito é entendido a partir da “desterritorialização” em que a multiplicidade de linguagens conflui em um rizoma, daí o nome da obra, mil possibilidades de acesso aos ramos do conhecimento.

pensadores, aqui entendidos como pós modernos, começam a buscar novas formas de pensar a filosofia por um prisma que a religasse com a vida cotidiana, ou como versa Deleuze,

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. (DELEUZE, 2002, p. 14)

Assim, não somente Deleuze e Guattari procuram se desconstruir, mas outros conhecidos autores como citados no capítulo 1, contribuíram para um projeto construtivista, renunciando novas idéias para esse novo século.

Material e Métodos

Na introdução de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, percebe-se que é preciso desvencilhar-se de todo dogmatismo científico que busca uma verdade única, absoluta, uma representação para adentrarmos na *filosofia da multiplicidade* de Deleuze e Guattari.

Uma filosofia é o que tentamos fazer, Félix Guattari e eu, em *O anti-Édipo* e em *Mille Plateaux*, sobretudo em *Mille Plateaux* que é um livro volumoso e propõe muitos conceitos. Cada um de nós tinha um passado e um trabalho anterior: ele em psiquiatria, em política, em filosofia, já rico em conceitos, e eu com Diferença e repetição e Lógica do sentido. Mas não colaboramos como duas pessoas. Éramos sobretudo como dois riachos, que se juntam para “um” terceiro, que teria sido nós. (DELEUZE, 1992, p. 170-171)

Esses riachos se cruzam quando a filosofia, para Deleuze e Guattari, passa a ser criação de conceitos e juntos criam inúmeros. Apenas para trazer alguns que desenvolveram em *Mil Platôs*: desterritorialização, rizoma, ritornelo, cartografia, hecceidades, platôs, etc.

A *filosofia da multiplicidade* nos permite incorporar o conceito desejado e criar contíguo possíveis soluções para uma questão, com isso não há entrada nem saída que sejam corretas ou orientadoras para esse caminho plural. O que norteia a criação de uma imagem do pensamento múltiplo é o conceito de rizoma, a proposta dos autores é que *Mil Platôs* fosse entendido como um livro-raiz, que não busca a natureza do livro clássico, que imita a árvore, e na qual o pensamento é realizado na unidade de um reflexão teórica, mas sim um livro que possibilitasse a criação, a multiplicação de conceitos.

Atualmente, o conceito de rizoma é constantemente empregado em muitos trabalhos para ajudar a pensar as mais diversas questões, na cibercultura, por

exemplo, ele é atualmente usado para refletir sobre as redes. O conceito de rede é muito parecido com o de rizoma, pois a rede é múltipla, formada de linhas e não de formas espaciais, pouco importa o tamanho dessas linhas, pois tanto as diminuindo como as aumentando não deixam de ser uma rede o que importa são, há nelas movimentos de conexão que nunca cessam e não importa a direção que tomam nunca é um caminho definido ou apenas único, assim como no rizoma ele é múltiplo.

Para melhor compreender esse sistema Deleuze e Guattari (1995) enumeraram seis características aproximativas do rizoma que são chamados de princípios. O conceito de cartografia aparece pela primeira vez no quinto princípio, porém optamos por abordar todos os seis, para melhor compreender esse complexo conceito.

1º princípio – de conexão – “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado com qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 15). O primeiro princípio vem para marcar o modelo do rizoma, pois diferente da árvore que segue uma hierarquia folhas/caule/raízes, o rizoma é inteiramente livre, pois, conecta-se por contato e se desenvolve em diversas direções.

2º princípio – de heterogeneidade – demonstra que o rizoma não é de origem lingüística, para os autores enquanto a árvore funciona por dicotomias o rizoma não remete a traços lingüísticos e cadeias semióticas, está muito, além disso, se conecta a modos de codificação diversos, cadeias biológicas, políticas, sociais, econômicas e culturais.

3º princípio – da multiplicidade – é a teoria do ser, o existir, a ontologia mais diversa, afinal é por meio da multiplicidade que os autores conseguem afirmar que os sujeitos são moventes,

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo [...]. Uma multiplicidade não tem nem sujeito e nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mudem de natureza (as leis de combinação mudam, pois, com a multiplicidade). (*op cit.* 2005, p. 16).

4º princípio – da ruptura a-significante – versam que “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 18), logo as formas devem ser sempre rompidas, mas para isso devem ser móveis para que possa haver uma linha que unida a outra possa fazer uma reposição contínua das formas.

5º princípio – da cartografia – de acordo com os autores o rizoma funciona como um mapa, quando se entende que,

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22).

Para Kastrup esse “é o primeiro princípio metodológico da filosofia de Deleuze e Guattari. Ele aponta para o fato de que o pensamento sobre o rizoma não é representacional, mas inventivo.” (KASTRUP In FONSECA e KIRST, 2003, p. 55).

6º princípio – da decalcomania – segue o princípio do decalque² porém “o decalque reproduz do mapa ou do rizoma somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 23) tendo em vista que, a criação só é possível quando se inicia pelo mapa, uma vez que se for iniciado pelo decalque, não irá gerar pontos de tensão e se tornará apenas uma cópia. A importância do decalque se dá pela possibilidade de comparação onde se pode relacionar os pontos de estruturação.

Entender estes princípios são basilares para a compreensão do que é o rizoma pela perspectiva de Deleuze e Guattari, segundo Marcondes Filho,

No rizoma, só há multiplicidade – cada indivíduo é uma multiplicidade infinita, a natureza uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individuada – e o aparecimento eventual de unidades demonstra a ocorrência de uma violência do significante, um golpe realizado por este. As multiplicidades definem-se pelo externo, pela *linha de fuga*, segundo a qual elas mudam de natureza e se conectam a outras multiplicidades. (MARCONDES FILHO, 200, p. 150)

Logo o pensamento rizomático, tem várias facetas, o rizoma não possui forma única, pois ele se modifica a todo instante, assim como cada indivíduo e suas identidades.

Portanto uma das principais características da cartografia é a reflexão das intensidades do objeto que só são percebidas pelo cartógrafo na duração do estudo. Diferente do pensamento arbóreo, o rizoma é capaz de conectar pontos de múltiplas naturezas, um rizoma para Deleuze e Guattari (1995) é formado por *Platôs*, que são espaços de multiplicidades que se conectam pelo meio.

² Copiar algo de alguma coisa que pode ser original.

O cartógrafo deve mostrar os desdobramentos que foram realizados na pesquisa, passos, dados, episódios, e ter em mente que é o ambiente que explica os caminhos escolhidos durante o processo de construção da cartografia.

Cartografar não é estabelecer desde o princípio um caminho linear, ao contrario de outros métodos que oferecem modelos norteadores, ou seja, diretrizes para o pesquisador, a cartografia não delineia uma técnica padronizada que pode ser pré-determinada no inicio das investigações.

Resultados e Discussão

Ante a flexibilidade do método cartográfico, surge a emergência de construir uma cartografia colaborativa digital³ dos grafites da cidade de Anápolis Goiás, a partir do encontro entre arte, poesia e cidade.

O princípio da cartografia poética iniciou-se ao observar os processos artísticos e nas práticas cotidianas no ciberespaço (*Google maps*, *Google earth*), tendo em vista que quando o cartógrafo começa seu trabalho já existem processos em curso, nesta etapa a cartografia se aproxima da pesquisa de modo geral, de modo que ao se colocar em contato com o objeto passou a habitar um novo espaço. Foi realizado um levantamento bibliográfico e fotográfico, a partir dessa experiência se começa a notar uma teia de ligação entre a pesquisadora, a cartógrafa e a fotógrafa, assim a ênfase em interpretar os fenômenos culturais e a cidade surge como norteador da construção da cartografia.

Sempre que um cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habilitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo do contato direto com as pessoas e seu território existencial [...] além de observar o etnógrafo participa, em certa medida, da vida delas, ao mesmo tempo modificando pela experiência etnográfica. (Kastrup. 2009 p. 56)

A cartografia permite um debate sobre o percurso metodológico percorrido que vai se formando na medida em que a pesquisadora se defrontou com a infinidade de grafites na cidade, permitindo, dessa maneira o desenvolvimento de

³ Processo pelo qual um conjunto de dados são compilados e formatados em uma imagem virtual.

*Paisagens psicossociais*⁴, a construção de um olhar comprometido com a realidade vivida pelos sujeitos que grafitam a cidade permitiu que toda a teoria a respeito do assunto pudesse ser instrumentalizada através da observação e da experiência de contato com as tribos urbanas de grafite de Anápolis.

Desse modo, a pesquisadora, no processo metodológico, foi processando os novos espaços e percorrendo caminhos em busca de conhecer quem eram esses novos sujeitos que surgiam. De acordo com Deleuze e Guattari (1995),

[...] somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. [...] e constantemente as linhas se cruzam, se sobrepõem a uma linha costumeira, se seguem por um certo tempo. [...] é uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar numa outra. Rizoma. (DELEUZE e GAUATTARI, 1996, p. 76-77)

Quando os autores falam que “somos atravessados por linhas” pode-se pensar que da mesma forma que construímos algo este algo não é estático, é dinâmico e depende das percepções do cartógrafo para entender isso.

Tendo em vista a proposta de cartografia dos autores, foi criado um grupo no *Facebook* – Cartografia Poética em Anápolis/GO - em que convidava os sujeitos da cidade a colaborarem com a cartografia, até o momento o grupo conta com 156 (cento e cinquenta e seis) membros. Foram disponibilizados email, número celular, *WhatsApp* e perfil no *facebook* para que os possíveis colaboradores entrassem em contato. O grupo continha a seguinte apresentação:

A Cartografia Poética se trata do mapeamento colaborativo das expressões de arte urbana na cidade de Anápolis no período de 2016 aos dias de hoje. É um produto do projeto de mestrado - Páginas de Concreto: cartografias poéticas e resignificação da paisagem da urbe -da mestranda Bruna Gabriela Corrêa Vicente orientado pela Profa. Dra. Débora Cristina Santos e Silva vinculado ao Mestrado interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás(UEG), com financiamento de bolsa de estudos concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). (www.facebook.com.br. Acesso em: 09/08/2017)

Também contava com o seguinte convite,

A Cartografia Poética se trata de uma Cartografia Colaborativa das Expressões de Arte Urbana na cidade de Anápolis. Caso você tenha alguma foto de Artes Urbanas na cidade de Anápolis-GO nos envie para que possamos alimentar o mapa. Envie aqui mesmo no grupo ou pelo email: cartografiapoeticasanapolis@gmail.com (www.facebook.com.br. Acesso em: 09/08/2017)

Ao mesmo tempo foi criado um folder com as informações da construção da cartografia e um convite para a colaboração para a construção da cartografia por

⁴ Termo usado por Suely Rolnik a fim de demonstrar que a cartografia não é de forma alguma estática, assim como a paisagem que muda a cada momento, o sentimento de cada indivíduo diferem.

meio do envio de fotos. Também foi criado um QR Code⁵ no site app.qr-code-generator.com, este QR Code redireciona o usuário do *smartphone*, que escaneia o código, para a página do *Google Maps* em que está hospedada a cartografia poética⁶. Os folders foram anexados ao lado de cada grafite fotografado pela pesquisadora e espalhados pela cidade.

No decorrer do período em que a cartografia começou a ser construída, 16 (dezesseis) pessoas colaboraram com fotos de grafites espalhados pela cidade, muitos dos artistas grafiteiros entraram em contato com a pesquisadora agradecendo a iniciativa e colaborando com relatos orais de onde encontrar mais incidências da arte urbana na cidade. Rolnik (2007) versa que o cartógrafo:

[...] é um verdadeiro *antropófago*: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorado*. Está sempre buscando elementos/ alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. (ROLNIK. 2007, p.65)

Desse modo, a cartografia estabelece importância basilar para a pesquisa, pois não se espera mais apenas uma coleta de dados, um amontoado de percepções dos sujeitos, mas a possibilidade de produzir novas visões e possibilidades reflexivas.

Considerações Finais

É partindo desse ponto que Deleuze e Guattari (1995) salientam que a cartografia é uma performance. Ao contrário dos métodos rígidos, a cartografia não compreende isolar o objeto de suas teias histórias e conexões com o mundo, pelo contrário, seu objetivo é elucidar as potencialidades as quais o fenômeno se encontra conectado.

O olhar do cartógrafo deve ser múltiplo e com intencionalidade, pois é a partir da experiência de observar o objeto, produzir espaços de sentido e novos conhecimentos que cartografia fará sentido, permitindo a compreensão das interrelações entre os eixos principais da pesquisa.

⁵ Código QR (sigla do inglês *Quick Response*) é um código de barras bidimensional que se escaneado o código é convertido em texto (interativo), um endereço URI, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS.

⁶ <https://drive.google.com/open?id=1kCccZfSvZsaAWXuXrsA5RMWRY8M&usp=sharing>

Importante pontuar que com a experiência da criação da cartografia poética a pesquisadora buscou o aprofundamento do modo de olhar a cidade, não apenas construir um mapa que sirva como roteiro turístico e guia para todo e qualquer olhar – tendo em vista que cada olhar é único e muda constantemente – mas nesse caso buscou-se perceber as dinâmicas, os fluxos e as intensidades que se mostraram nas incidências de grafites na cidade de Anápolis-GO. Cartografar é desmistificar fórmulas prontas, é entregar-se ao fenômeno com atenção e observar a dinâmica rizomática da cidade e seus habitantes.

Agradecimentos

Agradeço o financiamento de bolsa de estudos concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

DELEUZE G, *A imanência: uma vida*. **Educação e realidade**. 27(2):10-18 jul./dez. 2002

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 1**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34/1995, 4ª reimpressão, 2006.

KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Sulina. 2009